

*Ana Mafalda Leite*

## **A boca de palavras estranhas\***

Escrevo como se a alegria fosse motor do mundo  
o verde ainda na chama o não separado do céu  
a mesma recordação fazendo-se presente

Tomo a voz para dizer a um tempo sofrimento e prazer  
o perfume é sangue que regressa a casa  
uma ferida que é canto  
essa alegria aroma das origens  
uma voz que fala por auchwitz ou a queda do muro de berlim

ainda na chama o nó feito por mão humana  
com os dedos refaz as longínquas linhas de uma tábua  
que traz a mensagem de um deus em exílio

tanta verdade como se não houvesse no mundo tentação alguma

Eu caminho uma areia vermelha sem promessa sem fim  
com o pé apagando a história  
sentado à minha direita o terror faz nascer  
cada palavra com sua andorinha para levar a primavera no verão  
para trazer os invernos glaciais do princípio dos tempos

a paz requer a força que a suporte diz

Que por ti sozinho leias as sílabas ocultas com que soletrei a minha identidade  
é este o mundo é preciso que o vejas  
a burka entifada o suicida incendiário a chacina étnica  
a incerteza é a sua pátria mas a certeza o seu rosto  
com olhos múltiplos viaja com ele o elmo e a arma primitiva  
intolerância cega o pequeno povo a nação a comunidade  
círculo fechado circo trapézio visto de entrada

E o amor obscurece o pensar uma muralha da china  
adío outro dia mudo para outra idade para outra cidade  
abro uma nova porta para mim  
ainda entre o abismo e o vulto do vento

Vês esta que sou eu? Digo ela? Digo eles? Digo nós?  
nomes sem necessidade de um diário da identidade  
desde sempre este arrastar dos nomes em guerra  
para a lápide da eternidade

Um coração de mulher acalma sob o vestido  
junto à garganta onde a memória se ajusta na renda  
reina na terra dos mistérios em jardins de fogo a presença implacável  
de um anjo e sua espada Um broche antigo

Entre o verbo e o mundo o amor é muita coisa queimando  
mas só uma combustão hiroshima abandona-te ao terror  
convida à morte à voz impossível

Meu endereço? Compreendo a voz do deserto o átomo fulgor  
em campos verdes, estranho não lugar prolifera em mim  
a pele descarnada de um osso árvore antiga  
assim também a biblioteca de alexandria

Quando? Expandida no espaço qualquer data  
porque é incerta a previsão aprendo a ler os sinais da poeira  
aprendo a sua escrita quotidiana, as sílabas anónimas  
nomeio ainda história no poema  
vulcânica vontade irrompe

o lugar a noite  
deslizam os gelos dos pólos  
petróleos em chama alastram  
labirinto aberto a múltiplas entradas  
países cidades selvas minotauros monstros  
se desfazem ou refazem

Qualquer momento me encontra no centro de duas torres caídas  
horror que voa trespassado bico queda erosão anónima

Beleza a mais é esquecimento Terror  
Não se sabe de nada a revelação é instantânea  
morremos depressa e sem lembrança  
milhares de folhas soltas dispersas apagadas  
outono tipográfico ilegível rascunho

as ondas de pó avançam em furor de tsunami  
um rosto suspenso entre estrangeiras fronteiras inclina-se e irradia

intraduzível aquilo a que chamamos amor permanece confundindo futuro com passado  
presente papiro hieróglifo ou mortalha  
praga sem geografia  
na mão o mapa dos lugares  
contamina o corpo sidera e passa

salmo semeador da dúvida um abismo passa  
outro vem e canta: acedi aos teus desejos

Água assombrada por uma imaginação o sangue gela  
procuro a boca das palavras as línguas ardentes  
profecia iluminação assombro verdade?

a escolha sempre ilumina a incerteza que nasce das palavras  
seu nome é nenhum lugar a terra é um coração multiplicado que erra  
de continente em galáxia se espalha esta alegria de ser falha  
de joelhos a bandeira de uma fé vocífera  
em nome de que deus se encontra uma cruzada  
inquisitiva fogueira ou um lugar tranquilo?

Habito as vozes enlouquecidas do mundo  
criando para as noites uma pátria de cinzas e de raízes aéreas  
sem terra sem casa sem coração o rosto peregrina  
rwanda new orleans cuba meca ou palestina

Ao queimar as cidades com o fogo da presença abro janelas nesta terra  
em sete dias irradio a memória da língua de um assombro a chegar  
não tenho medo

quanto dura um dia? quanto dura sempre?  
estranheza estranha é tão tarde quanto cedo

Não conheço limites neste tempo cocaínado em paisagem deflagrada  
devemos viver anónimos até ao fim  
não retornamos não voltamos ao começo  
as pálpebras da infância um caminho sem distância  
ao caírem dos nossos lábios impensadas como letras  
apagam-se em vento vagabundo

A cabeça é uma altura que o corpo descentra em seu eixo  
tal como o tempo afasta o tempo junta  
quando chega o frio fechamos as janelas ficamos como se em lugar nenhum  
soprados de interrupção em interrupção consumindo a voz

Há tanta coisa que não sou  
aqui sou longe e o longe é em mim  
torno-me nuvem e raio no horizonte país fiel  
fogo na minha frente febre de errância aventura

o mar recita um poema interminável ouço sortilégios cantos sereias  
ondas lanternas acesas procuram ainda ulisses  
não sobrou uma taça de graal  
um veneno estado de graça  
um manuscrito de verdade

Nascemos cada um com um enredo diferente  
cada um por sua vez tem sido o seu próprio universo  
amores demais que florescem excessivos  
separo os traços do alfabeto  
esconjuro ou invento poesia

só me restas tu meu segredo terra sem regresso sem promessa  
escrita obscura com que pronuncio alfa entre ruínas e levanto o voo da exclamação insegura  
fronteira incerta ruína  
ou altiva asa

entre nós troca-se uma língua para a distância que ninguém compreende  
pudesse trazer seu nome e rosto para casa

sou o princípio do dia, o último a chegar

(nunca chego mas imagino)

no fundo do sussurro lembro essa nostalgia do lugar  
encantação dos dias e alvo do tempo  
onde apenas o longe é uma pátria.



\* Este poema incorpora referências a versos das seguintes obras: de Adonis, *Les Chants de Mihyard le Damascène*; de Laura Riding, *Mindscapes*; de Odysseas Elytis, *Axion Esti*; e de T S Eliot, *The Waste Land*.



Ana Mafalda Leite, poeta moçambicana, vive atualmente em Lisboa. Publicou *Em sombra acesa* (1984), *Canções de Alba* (1989), *Mariscando luas* (em colaboração com o pintor Roberto Chichorro e com o poeta Luís Carlos Patraquim, 1992), *Rosas da China* (1999) e *Passaporte do coração* (2002) e tem no prelo *Livro das encantações* (2005).  
É professora na Universidade de Lisboa e especializou-se em literaturas africanas.  
Autora de livros de ensaio, entre os quais, *A poética de José Craveirinha* (1990), *Oralidades & escritas nas literaturas africanas* (1998) e *Literaturas africanas e Formulações pós-coloniais* (2003).